

Augusto dos Anjos e a façanha da biografia



Banco de Dados

Tentar não é o problema, porque muitos tentam. A questão é conseguir. Tudo leva a crer que o poeta Augusto dos Anjos, nascido no engenho de Pau d'Arco na Paraíba, é "impegável". Desculpe se o neologismo é barato, mas é adequado ao caso. *A Última Quimera*, tirando fora os nove, é um livro delicioso de se ler, muito bem realizado, leve e elegante, mas não realiza a façanha que se propôs sua autora, capturar o semblante do autor de *Eu*.

E não creio que deixe de captar esse semblante por falta de empenho ou mesmo, o que poderia ser pior, falta de competência da escritora do também belo *Boca do Inferno* — naquele livro Ana acertou no milhar com outro poeta, Gregório de Matos Guerra. No caso do autor do "Poema a um Cão", ela expõe com clareza os pontos básicos da boa literatura: sutileza, calma, controle, seriedade, serenidade. É um romance seguro. Leitura de satisfação garantida, lá isso é.

O nó da questão é o próprio Augusto dos Anjos. Parece-me — e me convenço cada vez mais — que biografar Augusto dos Anjos é tarefa impossível. Por uma razão muito simples: ele escapa por entre os dedos, difuso, como acontece com sua própria poesia. Ou seja, o foco escuro como a cor da água do rio que banhava o engenho em que ele nasceu. Não há trabalho de pesquisa que dê conta disso, mesmo que se trate de uma grande prova de amor ao poeta, pois na verdade este é o caso de *A Última Quimera*.



Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos (nascido a 20 de abril de 1884 e falecido a 12 de novembro de 1914), se por um lado é um homem extremamente vigoroso em sua poesia, por outro lado, sem muita conversa, é naturalmente vago. Essa característica se transmite naturalmente a sua poesia peculiar, original, atordoadora. Sua personalidade (que sempre intrigou não apenas a crítica, mas seus próprios fãs) junta dois pontos complexos, a meu ver — timidez e megalomania. Traduzindo com boas palavras: significa um grande “nó” para quem tenta se aproximar dele, seja qual for a abordagem. Da mesma forma como era difícil para estranhos se aproximarem dele quando era vivo.

Repito, não faltam recursos a Ana Miranda, escritora que foi capaz de imprimir, por exemplo, um ritmo de quase romance policial ao seu *Boca do Inferno*. Revendo o procedimento da escritora naquele seu primeiro livro, ali ela tinha um material distante, mas de certa maneira sólido. Porque há de se convir que o poeta baiano é o tipo de sujeito que, se você lhe amarra as mãos, ele morre. Se lhe tira a possibilidade de escrever poesia, ele morre. Gregório “é” poesia, vive poesia. Sua vida é transparente. Fazendo versos eróticos, satíricos, fesceninos, ou mostrando o lado religioso de sua personalidade de homem profundamente mergulhado no mundo barroco do séc. XVII, ele é uma personalidade dividida dentro da vibração colonial: aberta e ao mesmo tempo insegura — uma vez que os tempos eram “de fato” inseguros para todo ser humano com idéias

próprias, e, ainda por cima, letrado, culto.

Nada do que foi comentado acima impede uma visão clara de Gregório de Matos e sua personalidade fugaz e brilhante, rebelde e matraqueadora, capaz de parir versos dos mais variados graus de complexidade — sem ter a mais vaga idéia de que está fundando a própria poesia brasileira, se é que não foi ele mesmo nosso melhor poeta.

Pois bem, nada impede um quadro nítido de Gregório, quando manipula a linguagem alguém do porte de Ana Miranda. Sagaz o suficiente para realçar com tinta adequada as sacanagens da vida do poeta baiano; sutil a ponto de dar forma a suas complexas angústias existenciais; determinada a ponto de contextualizar com precisão o poeta dentro de uma vida social, política, econômica — e principalmente religiosa — movediça e babilônica, que foi a sina colonial brasileira e de sua capital, a cidade da Bahia.

Pois bem, com Augusto dos Anjos o departamento é outro. Nada do estouvamento de Gregório, de sua extroversão incorrigível. Primeiro porque Augusto é um intelectual de província, não da capital. É remanescente de uma sociedade patriarcal e rural falida, de senhores de engenho decadentes. Augusto é o filho do senhor de engenho falido. Ele obtém uma formação intelectual enciclopédica sem sair de sua Paraíba — sem sair mesmo de dentro de casa, tendo como único professor o próprio pai. Outro ponto importante: ele é o “xodó” da família, todos os parentes o ado-

FRANCISCO COSTA
é jornalista e editor da
Revista USP.

A Última Quimera, de Ana
Miranda, São Paulo, Companhia
das Letras, 1995.

Na outra página,
o famoso retrato de
Augusto dos Anjos
(20 de abril de
1884, Pau D'Arco,
PB, 12 de novembro
de 1914,
Leopoldina, MG);
acima, a escritora
Ana Miranda

ram, tanto assim que ele mantém com eles até o fim de seus dias laços indissolúveis.

O poeta de *Eu* (1912) é ainda mais. Já se cansou de dizer que ele é a própria encarnação do gênio incompreendido. Sua vida só não é mais parecida com aqueles versos de Álvaro de Campos, “um gênio para si mesmo”, porque o poeta contou com alguns amigos abnegados que conheceram sua tremenda capacidade poética — além da própria força de personalidade —, e fraternalmente lutaram para tirá-lo do esquecimento antes e depois de sua morte. Dizer que o homem da província estava muito à frente do tempo cultural da própria metrópole — para seu muito pesar — é bem pouco, mas importante. Portanto a fama e a glória só aconteceram depois de morto — por ironia, Augusto abraçou o ceticismo com força de que foi capaz.

Outro grande problema enfrentou Augusto durante toda a sua existência: sempre foi muito mimado. Não é caso para rir ou argumento para se descartar sem maior atenção. Fosse pela própria asma que desde a infância o atormentou e lhe deu motivo de criar muitos — e bons — versos, ele é um típico caso de inteligência superior num meio social acanhado. (Falei da asma, acima. Preciso dizer que a doença foi um dos maiores fatores de sofrimento durante toda a vida do poeta e que, como sempre acontece, pouca ou nenhuma informação se encontra nas suas biografias, como de resto em qualquer outra biografia. Seria o caso de se perguntar por que não se leva esse tipo de informação um pouco mais a sério, uma vez que ela faz parte integrante — e muitas vezes determinante — da vida do artista. Seja músico, ator, escritor, informações como esta parecem não existir quando o biógrafo trabalha com o biografado. E essa não é uma deficiência das biografias escritas neste país, é uma deficiência planetária, na qual eu e o psiquiatra Rubens de Campos Filho sempre esbarramos quando escrevemos sobre a pouco explorada no país relação “asma/literatura”)(1).

Augusto dos Anjos foi uma espécie de *avis rara* familiar levada não muito a sério por ser meio “avoadá”. Mas ao mesmo tempo de coação gentil demais, amado demais, paparicado demais para enfrentar de peito aberto as

grandes frustrações que a vida lhe reservava.

No fim das contas, para o poeta paraibano, por razões absolutamente particulares (vá se saber de fato o que leva um ser humano a acreditar nisso ou naquilo!) sua própria existência, assim como sua arte, deveria ser a de um artista cujo mérito não fosse discutido. Tanto ele como sua obra deveriam ser aceitos sem restrição.

Mas Augusto dos Anjos viveu no meio dos homens. E quando essas duas coisas lhe foram questionadas — o próprio valor e o de sua poesia —, isso lhe pareceu tão absurdo, tão humilhante, tão illogicamente ridículo, que o poeta de “Versos Íntimos”, intimidado, se trancou dentro de seu budismo particular de biblioteca e dentro de seu enciclopedismo existencial. Daí ser o título de seu único livro, *Eu*, tão perfeito. Dentro de um orgulho e de uma vaidade criados, alimentados, para serem exaltados sem reservas, só lhe restou voltar-se obsessivamente para dentro de si mesmo e viver sem laços externos. E se entregou de tal forma, que sobreviveu ao livro por apenas dois anos. Somente a família lhe interessou, ninguém mais. Só entre os íntimos Augusto foi ele mesmo.

Como é possível descrever um homem com tais características? Como, através da linguagem, trazer para dentro da mente de cada leitor uma imagem que faça jus a um ser com complexidade de caráter não questionada e, hoje, uma pessoa quase mitológica?

O grau do problema pode ser dado por um elemento imediato, muito simples. Se olharmos atentamente a foto de Augusto dos Anjos — a única foto do poeta que conheço e que consta na 1ª edição de *Eu* —, veremos um tipo que não combina com a “aura” do poeta, muito menos com a sua poesia. Ali está uma figura mirrada, encolhida dentro de um paletó justo, com colete e a gravata apumada, um bigode não muito fino sustentando um olhar meio envergonhado, meio orgulhoso, e um quase sorriso juvenil e contido, desenhado num rosto magro, comprido, onde as orelhas parecem enormes — e um olho é maior que o outro.

Bem, a figura da foto produziu versos como estes: “Eu, filho do carbono e do amoníaco/Monstro de escuridão e rutilância...” (“Psicologia de um Vencido”). É

aqui a encruzilhada do livro de Ana Miranda, *A Última Quimera*, título por sua vez extraído dos versos célebres de “Versos Íntimos” — talvez o poema mais popular deste Brasil. Ana escolheu, à dureza da figura concreta de Augusto, sobrepor a leveza e fluidez de sua personalidade, o que confere mais mistério e evanescência ao personagem. Preferiu falar dele de longe, através de um “locutor” estranho, um suposto primo de Augusto, e também poeta, íntimo da família.

Com esse artifício a autora abriu caminho para uma rara combinação dentro do texto. Pôde aproximar dois antípodas, Augusto dos Anjos e Olavo Bilac. Por que Bilac? Porque, através da imagem do “poeta oficial”, do “príncipe dos poetas”, laureado e incensado pela crítica, com fone aberto em qualquer canal da cultura, a figura de Augusto cresce como reverso da medalha. Através de Bilac se explica o “patinho feio”, em vida, que foi Augusto. Habilmente a vida, a face, a personalidade e a obra de Augusto dos Anjos se estabelecem, para Ana Miranda, como contraponto ao mesmo conjunto representado por Bilac.

À imagem do dândi freqüentador Bilac, fumando seus charutos, despreocupado, contemplando a catedral de Notre Dame de Paris, se oporia a de Augusto, mourejando como professor primário, naquele seu eterno terno preto, levando uma vida miserável, sem horizontes, doente, peregrinando de casa em casa, perdendo os filhos no Rio de Janeiro por desnutrição — que golpe horrível, que humilhação, para seu amor paterno, não ter dinheiro sequer para alimentar bem os filhos —, tendo de viver em pensões que haviam de alfinetar seu orgulho e sua natureza requintada e sensível, reforçando um sentimento de inferioridade já desenhado na província. E isso acontecendo justamente no Rio de Janeiro, na cidade que Augusto elegera como “sua” capital, ao deixar a Paraíba após desentendimentos políticos.

A imagem do “príncipe dos poetas” (Bilac) é — sempre foi — mais clara para nós. Ana Miranda, num lance feliz, de certa forma desfoca seu personagem oficial, e irradia algumas luzes sobre Bilac. Um exemplo bem bacana é aquela pendenga de imprensa de Bilac com Raul Pompéia, que a escritora explora de uma forma altamente capaz. (Saíra

em uma das colunas assinadas por Bilac, sem sua assinatura, um texto chamando Pompéia de onanista, de pessoa que se masturbava durante as noites, etc. O texto deu o que falar e ofendeu muitíssimo o genial escritor de *O Ateneu*. Raul possuía uma índole introvertida, como é sabido. Ana conta que depois de uma semana trancado dentro de casa sem dormir, sem se alimentar, o escritor foi à forra, publicou um texto chamando Bilac de incestuoso. A coisa pegou fogo. Um duelo foi marcado, desmarcado, remarcado etc.) Olavo Bilac é uma força sem rival na sociedade das letras do começo do século.

Ana Miranda tem outra carta na manga: Ester. Ester, a esposa devotada do poeta paraibano, que não recebeu sequer um único verso de amor de seu marido, uma vez que o “tema” do amor nunca fez parte da “rigorosa plataforma ideológica” da poesia de Augusto. Essa mulher que ninguém nunca toca senão no nome, é um grande trunfo do livro de Ana Miranda. Pela primeira vez Ester ocupa o lugar de direito na triste biografia do marido. Como mulher Ester é observada por um narrador bastante invejoso, pois não bastasse admirar o talento e a inteligência de Augusto, sua paixão secreta é Ester. E da mesma forma que o marido, Ester também se torna uma figura fugidia, escorregadia, alguém sempre envolvida num véu de mistério. Ana explica por que Ester é a mulher que Augusto escolheu para viver a seu lado.

Ester é uma grande descoberta de Ana Miranda, que faz da esposa de Augusto uma espécime de “nova história”, aproximando do centro do palco uma personagem tipicamente coadjuvante até os dias atuais. (Aliás, está para ser escrita uma verdadeira história tratando das mulheres dos escritores deste país — assim como está mais do que na hora de um livro que trabalhe a história das enfermidades — incluindo aí tanto alcoolismo quanto psicopatologias — dos escritores, por “estranho” que isso possa parecer, neste país de poucas idéias próprias. Mas isso já é pedir demais, numa terra em que nem mesmo biografias há.) Então, Ester cria vida própria. A mulher e a mãe surgem em cores, o que não acontece com a vida íntima do casal, que permanece na obscuridade, numa

eterna suposição, num eterno “se”. Suposição, além disso, perfeita para o culto à personalidade e à obra do poeta.

Finalizando, Augusto dos Anjos é o poeta talvez ideal para ser biografado neste final de século. Sua curta e portentosa obra é absolutamente singular — foi preciso um Carpeaux para que ela começasse a ser levada a sério pela crítica mais acadêmica. Sua vida é um poço de amargura, trágica, quase patética. Tanto assim que, informa Francisco de Assis Barbosa, logo que ele morreu, os primeiros estudos “técnicos” sobre ele, com base em seus poemas, foi feito por psiquiatras que na época viam no artista de Pau d’Arco um raro caso de psicopatologia. Durou um certo tempo até que obra e personalidade exuberantes e injustiçadas do paraibano fossem devidamente avaliadas.

Pois bem, é a partir da relação com o “outro personagem” envernizado do livro, de fundamental importância para sua execução — uma verdadeira sacada, não cansa repetir —, Olavo Bilac, que Ana Miranda propõe medir Augusto. Que me lembre, há muito tempo o “príncipe dos poetas” não tinha a vida problematizada com um grau de agudeza como esse aqui. Um dos achados do livro é que a partir da relação Augusto/Bilac se chega à conclusão de que, apesar dos muitos pesares, o incensado Bilac foi ainda mais infeliz que o paraibano, pois 1) morreu louco; 2) não deixou descendência; e 3) morreu só — apenas a irmã cuidou dele. O oposto do que ocorreu com Augusto, que mesmo em Leopoldina, Minas Gerais, viveu cercado de parentes e seres que o amavam e se esforçavam para compreendê-lo.

Fez bem Ana Miranda em dar ao livro o tratamento que deu, o de aplinar o caminho, o de evitar uma luta entranhada com a vida de Augusto. Dessa forma, ganhou o livro e o leitor. Entretanto, ganha-se cá e perde-se lá. Assim procedendo, ela não conseguiu capturar a fisionomia “encarcerada” do poeta de Pau d’Arco. Pois se fosse enfrentar cara a cara

a crueza de Augusto dos Anjos, Ana Miranda toparia de frente com coisas como essas que se seguem, e se tornaram moeda quase corrente sobre o poeta. A descrição é do também paraibano Orris Soares, o primeiro intelectual no Brasil a elogiar publicamente o espantoso poeta que foi Augusto dos Anjos:

“Foi magro meu desventurado amigo, de magreza esquelética — faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descavada. A boca fazia a catadura crescer de sofrimento, por contraste do olhar doente de tristura e nos lábios uma crispção de demônio torturado. Nos momentos de investigações suas vistas transmudavam-se rápido, crescendo, interrogando, teimando. E quando as narinas se lhe dilatavam? Parecia-me ver o violento acordar do anjo bom, indignado da vitória do anjo mau, sempre de si contente na fecunda terra de Jeová. Os cabelos pretos e lisos apertavam-lhe o sombrio da epiderme trigueira. A clavícula, arqueada. Na omoplata, o corpo estreito quebrava-se numa curva para diante. Os braços pendentes, movimentados pela dança dos dedos, semelhavam duas rabecas tocando a alegoria dos seus versos. O andar tergiversante, nada aprumado, parecia reproduzir o esvoaçar das imagens que lhe agitavam o cérebro.

Essa fisionomia por onde erravam tons de catástrofe, traía-lhe a psique. Realmente lhe era a alma uma água profunda, onde, luminosas, se refletiam as violetas da mágoa” (in “Elogio de Augusto dos Anjos”, de dezembro de 1919).

Ana Miranda n’*A Última Quimera* ficou com a última parte da descrição de Orris, a que fala da alma. Fez ela muito bem. Mas confirma que o poeta de “Versos a um Cão” é mesmo “impeável”. Como a própria poesia a que ele deu vida .

BIBLIOGRAFIA

ANJOS, Augusto dos. *Eu — Outras Poesias — Poemas Esquecidos*, 30ª ed. (contendo texto e notas de Antônio Houaiss, “Elogio de Augusto dos Anjos” por Orris Soares, e “Nota Biográfica” por Francisco de Assis Barbosa). Rio de Janeiro, Livraria São José, 1965.